

BOT-003

A FAMÍLIA LEGUMINOSAE NA RESERVA DUCKE: GUIA DE CAMPO DE PAPILIONOIDEAE E TRATAMENTO DO GÊNERO SWARTZIA.

Mariana Rabello Mesquita⁽¹⁾; Michael John Gilbert Hopkins⁽²⁾

⁽¹⁾ Bolsista CNPQ/PIBIC; ⁽²⁾ Pesquisador INPA/DFID.

A subfamília Papilionoideae é constituída por aproximadamente 500 gêneros e 10.000 espécies, distribuídas nas zonas tropicais, subtropicais e temperadas (Heywood, 1993).

Segundo Maas & Westra (1993), Killeen *et al.* (1993) e Gentry (1993), a subfamília Papilionoideae possui representantes de diversos tipos-de hábitos, incluindo ervas, lianas, arvoretas e árvores. Apresentam folhas compostas, geralmente alternas (opostas somente em *Platymiscium* e *Taralea*), imparipinadas. Estípulas, estípelas, um pulvino na base do pecíolo e um pulvínulo para cada folíolo são comuns. O corte e as folhas frequentemente apresentam odor distinto, típico de leguminosas (Martinez, 1997). Também é frequente a presença de exsudação vermelha. O número de folíolos é variável: dois, em *Zornia*, trifoliolada ou pinada na maioria e poucas espécies unifolioladas.

Geralmente os trabalhos usados como fontes de identificação das espécies baseiam-se principalmente em características férteis. Entretanto, essas espécies podem ser reconhecidas facilmente sem uso de nenhum caracter reprodutivo. Por isso propõe-se a elaboração de um guia prático de campo para esta subfamília.

O gênero mais representativo é *Swartzia*, com 16 espécies na Reserva Ducke. Martinez (1997) caracteriza o gênero *Swartzia* como árvores ou arvoretas, de folhas imparipinadas, folíolos de um a vários, opostos, pecíolo e ráquis às vezes alados. Exsudação vermelha está presente na maioria das espécies. Por ser o principal gênero da subfamília, surgiu a idéia de fazer o tratamento das espécies que ocorrem na reserva.

Os objetivos deste trabalho são: a elaboração de um guia de campo para o reconhecimento de todas as espécies de Papilionoideae encontradas na Reserva Ducke; a confecção do tratamento taxonômico de todas as espécies de *Swartzia* encontradas na Reserva.

A metodologia de trabalho foi iniciada com excursões semanais ao campo, para visitar indivíduos anteriormente marcados e identificados; estes eram descritos de acordo com um formulário baseado em literatura especializada (Junikka, 1994). Quando as espécies já podiam ser reconhecidas com mais facilidade, partiu-se para a procura de novos indivíduos e, se possível, espécies que ainda não teriam sido encontradas na Reserva. Então foram analisados os caracteres mais úteis na identificação de cada espécie. Esses dados foram compilados e a partir deles foram feitos agrupamentos das espécies mais semelhantes.

Depois foram feitos registros fotográficos das espécies. De cada espécie visitada eram tiradas fotos básicas para a composição do guia: venação, tronco, corte e região interfoliolar. Além disso, era coletada a amostra de pelo menos uma folha completa, a qual depois de seca seria também incluída no guia.

A cada volta do campo era feita a atualização dos dados nos registros de cada espécie, para um maior controle de visitas, descrições, coletas e fotos tiradas. As amostras de folhas secas coletadas no campo e as fotos tiradas no campo eram transferidas ao computador através de um "scanner" de mesa e um "scanner" de slides. Foram elaborados textos diagnósticos para cada espécie, para ajudar ainda mais na identificação no campo. Nessa fase, além dos

"scanner" foram utilizados os programas Visual FoxPro, Adobe PhotoShop e Adobe PageMaker.

No início do projeto havia 46 espécies e no decorrer das atividades foram encontradas mais 18. Atualmente estão registradas 64 espécies em 22 gêneros. As espécies foram divididas em 13 grupos. Há dois grupos maiores: o das árvores e o das lianas. Dentro de cada um desses as espécies são agrupadas pelo tipo e disposição das folhas, número e tamanho dos folíolos, tipo de casca, presença ou ausência de exsudação, além de vários outros caracteres. O grupo das árvores é o mais significativo em número de espécies. É possível entender melhor a estruturação do guia observando a figura 1, que mostra o grupo 9 (árvores com folíolos opostos e venação destacada).

Para o tratamento taxonômico foram analisadas todas as amostras coletadas na Reserva Ducke. No campo foi coletado o máximo possível de material do gênero para análises comparativas com essas espécies identificadas por especialistas. Foram elaboradas chaves de identificação e descrições completas das espécies. As chaves foram feitas utilizando não só características férteis, como também características morfológicas vegetativas. As espécies das quais foi feito o tratamento taxonômico são: *Swartzia arborescens* (Aubl.) Pittier, *S.brachyrachis* Harm., *S.corrugata* Benth., *S.cuspidata* Spruce ex Benth., *S.ingifolia* Ducke, *S.lamellata* Ducke, *S.longistipitata* Ducke, *S.oblanceolata* Sandwith, *S.panacoco* (Aubl.) Cowan, *S.polyphylla* D.C., *S.recurva* Poepp. & Endl., *S.reticulata* Ducke, *S.schomburgkii* Benth., *S.tessmannii* Harm., *S.tomentifera* Ducke e *S.ulei* Harm.. Através desse trabalho foi constatado que a *Swartzia polyphylla* encontrada na reserva não é o mesmo taxon encontrado em igapó e que o conceito de Ducke (1949), que chamava este de *Swartzia platygyne* Ducke, deve ser considerado correto.

Um trabalho como esse ajuda a perceber a importância de estudar plantas no campo. Claro que as amostras de material seco disponíveis nos herbários são muito importantes e úteis em estudos comparativos. Mas muitas vezes essas amostras não trazem informações suficientes, com descrições muito limitadas sobre o que é visto no campo, e surge a necessidade de estudos mais aprofundados. Seria interessante o coletor adicionar informações de campo, no momento da coleta, que permitam à pessoa que analisará o material uma melhor idealização do que é aquela planta viva. É mais interessante estudar as plantas em indivíduos completos, vivos e em seu habitat natural. E melhor ainda é estudar vários indivíduos de cada espécie, para que seja possível conhecê-los melhor, assim como as variações que sempre ocorrem. Quando os caracteres vegetativos não são suficientes para a identificação, são ao menos bastante úteis.

DUCKE, A. 1949. Notas sobre a Flora Neotropica - II. As leguminosas da Amazônia Brasileira. Bol. Téc. Inst. Agron. Norte 18: 1-248.

GENTRY, H. A. 1993. *A Field Guide to the Families and Genera of Woody Plants of Northwest South America (Colombia, Ecuador, Peru) with supplementary notes on herbaceous taxa*. Conservation International. Washington, DC. p.527-554.

HEYWOOD, V.H. 1993. *Flowering Plants of the World*. B T Batsford Ltd. London. p.149-152.

JUNIKKA, L. 1994. Survey of English Macroscopic Bark Terminology. IAWA Journal 15:3-45.

KILLEEN, T.J.; GARCIA, E.E. & BECK, S.G. 1993. *Guia de Arboles de Bolivia*. Quipus S.R.L. LA PAZ, Bolivia. p. 457-485.

MAAS, P.J.M & WESTRA, L.Y.Th. 1993. *Neotropical Plant Families - A concise guide to families of vascular plants in the Neotropics*. Koeltz Scientific Books. Germany/USA. p. 126-130.

MARTINEZ, R. V. 1997. *Flórula de las Reservas Biológicas de Iquitos, Perú*. Missouri Botanical Garden. Press. Missouri, U.S.A.